

RETRATOS DE MATERNIDADES DISSIDENTES EM CASAS VAZIAS, DE BRENDA NAVARRO

PORTRAITS OF DISSIDENT MOTHERHOODS IN EMPTY HOUSES
BY BRENDA NAVARRO

Maria Eduarda Pautz¹

Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra²

RESUMO: O presente estudo, a partir do romance mexicano *Casas Vazias*, de Brenda Navarro, se propõe a investigar as consequências da idealização da maternidade na vida das duas mães protagonistas da narrativa, além de discutir suas relações materno-filiais e a maternidade como mecanismo de controle de gênero e pertencimento social. Os resultados revelam que as maternidades são complexas e ambíguas, e o seu imperativo pode fomentar sentimentos como a culpa, a solidão e o arrependimento, distanciando-se da maternidade institucionalizada.

Palavras-chave: Maternidades. Literatura Latino-americana. Brenda Navarro.

ABSTRACT: This study analyzes the consequences of the idealization of motherhood as depicted in the Mexican novel *Casas Vacías* (Empty Houses) by Brenda Navarro, focusing on the experiences of the two protagonist mothers. It examines their mother-child relationships and explores how motherhood functions as a mechanism of gender control and social belonging. The findings reveal that motherhood is a complex and ambiguous experience, with the societal imperative of motherhood often engendering emotions such as guilt, loneliness, and regret, thus diverging from the traditional, institutionalized understanding of motherhood.

Keywords: Maternal dissident. Latin American literature. Brenda Navarro.

APRESENTAÇÃO

Quem disse que são infelizes as mulheres inférteis?
Quem disse que são felizes as mulheres com as suas mamadeiras?
É preciso ter muito peito para não parir e não parar
É preciso ter muito peito para enfrentar as surpresas da existência
Abaixo os inacreditáveis roteiros com final feliz
[...]

(Sobral, 2011, p. 43)

¹ Licencianda em Letras Português/Espanhol. Universidade Federal do Paraná (UFPR).

² Doutora, Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas. Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Ao longo da história das representações artísticas, é possível observar a existência de temáticas recorrentes, como o amor, a morte e a traição, por exemplo. Em determinadas épocas, as circunstâncias histórico-sociais permitem que esses lugares comuns sejam revisitados e que se criem para eles novos enredos. Este é o caso da maternidade. Até o início do século XX, as narrativas literárias que chegavam ao grande público eram majoritariamente masculinas e, com isso, a representação da mãe e o exercício da maternidade também eram vistos sob este olhar. Deste modo, se consolidou a imagem da boa mãe ou da madrasta, uma dicotomia que não alcança a complexidade do que é a maternidade e ser mãe. Com o processo gradual da luta e das conquistas feministas, as mulheres não só conseguiram ocupar espaços de pertencimento no meio artístico, como também têm feito o trabalho de rememorar as que as precederam. Assim, temas relacionados ao corpo e às vivências femininas passam a se fazer mais presentes nas narrativas do final do século XX e começo do XXI. Entre temáticas diversas, também vimos aparecer uma profusão de relatos, contos e romances sobre uma maternidade que não se encaixa em uma compreensão dicotômica, mas que é plural e complexa.

Com o intuito de analisar esse novo olhar para a maternidade, no presente estudo nos propomos a investigar como ela se apresenta em um romance hispano-americano contemporâneo. Escrita pela mexicana Brenda Navarro e publicada no Brasil em 2022, pela editora Dublinense com tradução de Livia Deorsola, *Casas Vazias* é uma narrativa realista ambientada no México contemporâneo.

A obra conta a história de duas mulheres que têm suas vidas atravessadas pela maternidade dissidente. Uma mãe sofre com o não-desejo de ser mãe, e com a incerteza do paradeiro de seu filho biológico, que é raptado durante um passeio. Além da dúvida, o sentimento de culpa e de lamentação a acompanha ao longo da narrativa. Por outro lado, a outra mãe sofre com a idealização da maternidade e encontra a maneira mais cruel de alcançar seu sonho de ser mãe: sequestrar uma criança que brincava no parque. Contudo, ela se decepciona com a maternidade real, que se afasta bruscamente da maternidade idealizada. As duas mulheres se enlaçam na narrativa por compartilhar a mesma criança em suas vivências: um menino de três anos, com cabelos loiros, e neurodivergente.

Revisitando o conceito de patriarcado e destacando como ele assume características peculiares na sociedade mexicana, nos propomos a analisar a experiência materna das duas personagens que protagonizam o romance. Em espaços socioeconômicos divergentes, as vozes narrativas parecem se espelhar: ambas sofrem o imperativo da maternidade e rompem com o modelo ideal da figura materna postulado pelo patriarcado, tornando-se exemplos de mães dissidentes.

O PATRIARCADO E A MULHER

Historicamente, a mulher tem ocupado um lugar de subjugação ao homem. Em diferentes tempos, com diferentes estruturas, impera o discurso da superioridade física e moral do homem. O patriarcado surge então, como a substantivação de uma conduta imperante e uma estrutura vigente (Morgante; Nader, 2014, p. 3). Na estrutura patriarcal, é comum que a figura da mulher se inscreva em papéis bastante delimitados e que o sucesso da sua posição seja cumprir o repertório de uma boa filha, esposa e mãe.

Ao olhar para o patriarcado a partir das vivências sociais contemporâneas e da luta dos movimentos feministas, observamos como é institucionalizado, isto é, visto e entendido como um sistema social e, principalmente, cultural, que passou a ser questionado nos últimos tempos como opressor. Assim, ao olhar para o patriarcado hoje, somos capazes de identificar uma organização social de dominação e de exploração cuja superação se faz urgente. Mirela Marin Morgante e Maria Beatriz Nader, em *O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico* (2014, p. 3), discorrem sobre a ruptura do termo e sua significação:

(...) seu sentido substantivo é tão frutífero para analisar as diversas situações de dominação e exploração das mulheres. O uso de patriarcado enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais.

Sendo assim, perante as lentes do patriarcado, ao gênero feminino está reservado o ambiente doméstico, ou seja, todas as atividades que envolvem o lar, o cuidado e a educação de filhos e familiares. No entanto, ao inscrever-se dentro da sociedade capitalista neoliberal, à mulher da sociedade contemporânea também cabe o dever de trabalhar e ajudar no sustento da casa, o que muitas vezes implica em uma tripla jornada de trabalho. Dentro desse modelo, a mulher é subserviente, dedicada aos cuidados da casa e dos filhos e também provedora. Fabiana Alves da Costa, em seu artigo *Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares* (2018) é contundente ao descrever o lugar da mulher no patriarcado:

A mulher está “posicionada” de maneira estratégica na sociedade capitalista, exercendo funções de mantenedora do processo produtivo, sem que seja reconhecida social e economicamente por isso. Pode-se inferir, portanto, que o capital se opõe ao processo de emancipação da mulher, uma vez que, para que seu sistema de dominação se mantenha, “ele necessita do trabalho feminino, tanto no espaço produtivo, quanto no reprodutivo, preservando em ambos os casos, os mecanismos estruturais que geram a subordinação da mulher” (Nogueira, 2010, p. 61 *apud* da Costa, 2018, p. 9)

No México, em 2015, Lorena Cruz Sánchez, presidente do Instituto Nacional das Mulheres, expôs que o trabalho não remunerado das mexicanas equivale a 15% do PIB do país (Chouza, 2015). Ademais, o casamento é referenciado como uma salvação à figura feminina, ou seja, para uma mulher ser reconhecida como uma mulher de bem, precisa estar dedicada também ao seu casamento, que muitas vezes a “presenteia” com mais uma forma de cuidado não-remunerado. Além disso, é no casamento e no lar que se ambienta uma significativa parcela da violência sofrida pelas mulheres, agredidas por seus próprios cônjuges. Para perpetuar a sua existência e manter a subordinação das mulheres, o patriarcado se fortifica na manutenção de crenças, como afirma Bell Hooks (2021, p. 133):

O patriarcado, como qualquer sistema de dominação [...], precisa socializar todo mundo para acreditar que em todas as relações humanas há um lado superior e outro inferior, que uma pessoa é forte e a outra, fraca, e, conseqüentemente, é natural que o poderoso domine o que não tem poder.

Perante a ideologia patriarcal, o lado inferior, fraco e passível de opressão é o feminino. Apesar da constante e, muitas vezes, vitoriosa luta das mulheres, o patriarcado ainda se mantém fervoroso na América Latina, e notícias de violência contra a mulher e feminicídios são ainda muito frequentes. Segundo a pesquisa de Elena Reina, Mar Centenera, e Santiago Torrado (2018), feita no jornal *El País*, 64% dos casos de violência de gênero no México são cometidos por maridos ou namorados. Passa de 12 milhões o número de mulheres que convivem com esses homens em suas casas. Os números da violência se tornam alarmantes: aproximadamente oito milhões de mulheres mexicanas sofreram asfixia, esquartejamento, queimaduras, problemas nervosos e foram diagnosticadas com depressão; quatro milhões já tentaram matar seus companheiros ou cogitaram se matar. O mais assustador se passa com a porcentagem de denúncias recebidas pelos crimes, sendo de apenas 10%. Com medo, a mulher opta pela solidão e usa o silêncio como escudo protetor. Essa prática é recorrente na América Latina e muitas vezes é a escapatória para não exponenciar a violência já sofrida. Nas palavras de Brenda Navarro, em sua participação do clube de leitura do *Instituto Cervantes Milano*: “Para mim, o silêncio é muito mais importante que a enunciação [...] são justamente os silêncios que vêm permitindo que as mulheres da América Latina sobrevivam” (Navarro, 2023).

O PATRIARCADO E A MATERNIDADE

Para reforçar o imperativo de que a maternidade é algo intrínseco à natureza da mulher, instituiu-se o mito do amor materno, que seria a condição inata para gerar e cuidar dos filhos com amor incondicional, ou seja, é da natureza da mulher realizar essa tarefa. Em seu livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1985), Elisabeth Badinter questiona a naturalização do instinto materno entendendo que ele se trata muito mais de uma construção social do que algo biologicamente dado. Além disso, o amor entre a mãe e um filho leva um tempo singular

para ser desenvolvido: algumas mães experimentam o amor materno assim que descobrem sua gravidez; algumas durante a gravidez; algumas mães vinculam esse amor quando veem a criança pela primeira vez; algumas levam anos; outras nunca o desenvolvem. Isso se deve ao fato de o amor materno ser um sentimento como qualquer outro, que leva tempo para ser construído e não se dá de maneira pura, ideal e gratuita, mas de forma ambígua e complexa:

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam (Badinter, 1985, p. 21).

O mito do instinto materno juntamente com o mito da mãe perfeita, faz a mulher se sentir coagida a viver a maternidade dentro de um molde pré-estabelecido que dificilmente consegue alcançar. Desse modo, o mito do amor materno oculta ambivalências que marcam a experiência da maternidade, como afirma Goellner (1999, p. 41):

Poucas são, também, as referências sobre os incômodos da gravidez, o que colabora para a construção de um olhar linear e positivo sobre a maternidade, destacando suas vantagens, seus encantos, não suas contradições. Reforçam-se, assim, valores e comportamentos que enlaçam a mulher ao seu destino biológico fazendo crer que apenas sendo mãe é que expressa o máximo de sua feminilidade.

Assim, para que a mulher alcance seu maior status de reconhecimento dentro de uma sociedade patriarcal, ela precisa ser mãe. Como pontua Esther Vivas em seu estudo *Mamãe desobediente: um olhar feminista para a maternidade* (2021, p. 19-20):

O sistema patriarcal e capitalista, a partir dessa construção ideológica, relegou-nos como mães à esfera privada e invisível do lar, desvalorizou nosso trabalho e consolidou as desigualdades de gênero. Como mulheres, não tivemos outra escolha senão dar à luz, obedecendo às leis da biologia, da sociedade e da religião. O argumento do destino biológico serviu para ocultar a enorme carga de trabalho envolvida na reprodução. O patriarcado reduziu a feminilidade à maternidade; e as mulheres à condição de mãe.

Contudo, esse argumento camufla todo o trabalho que pressupõe a maternidade, pois vinculou-se culturalmente a figura da mulher ao compromisso do cuidado, como manifestação de amor. Uma pesquisa de Perozini (2024) mostra que, ainda no século XXI, 69% dos brasileiros acreditam que cabe à mulher ser a principal cuidadora de bebês recém-nascidos. Sendo assim, a mulher continua fadada a reproduzir tradições patriarcais e vive no intento de destacar-se como uma boa mãe.

Um exemplo dessas tradições patriarcais está presente no ideograma 好 (hǎo) no mandarim que é composto por dois componentes pictográficos: 女 (nǚ), que significa mulher, e 子 (zǐ), que significa criança ou filho. Juntos, eles formam a palavra 好 (hǎo), que significa bem, bom ou boa (Pleco). A presença dos componentes 女 e 子 remete a uma ideia de harmonia e

completude, sugerindo que uma mulher boa é uma mulher que cumpre com o seu destino de ter filhos (Vivas, 2021). Muitas mulheres acreditam e reproduzem a crença de que sua afirmação como mulher vem com a maternidade e idealizam o reconhecimento pela vivência materna. Porém, vivem sentimentos contraditórios quando se dão conta de que a maternidade vai além de sua mitificação. Fabiana de Souza Halasi (2018) destaca a vergonha e o sentimento de culpa que as mulheres sentem na tentativa de reproduzir um padrão inalcançável de mulher e mãe: “A mulher sente culpa pela impossibilidade de atingir um ideal de perfeição, um ideal internalizado que como já foi visto é, culturalmente, internalizado (Halasi, 2018, p. 71).

Em algum momento de suas vidas, o imperativo da maternidade atinge todas as mulheres, inclusive as que não querem ser mães, uma vez que o patriarcado se apossa do corpo feminino para impor sua dominância, como pontua Adrienne Rich, em *Nacemos de mujer: la maternidad como experiencia e institución* (2019, p 103, tradução nossa): “Não tem nada de revolucionário no controle que os homens exercem sobre os corpos femininos. O corpo da mulher é o território em que se institui o patriarcado.

A não realização da maternidade pode gerar uma série de angústias nas mulheres que podem optar por formas radicais para conseguir vivê-la, mesmo sem saber ao certo se este é seu verdadeiro desejo. De acordo com uma pesquisa realizada por Rocha (2023), as mulheres com mais anos de escolaridade tendem a ter menos filhos e quando os têm, se encontram em uma média de idade mais alta. Por inúmeros motivos, incluindo o desenvolvimento profissional, muitas mulheres optam por adiar ou não viver a maternidade. Contudo, a livre maternidade está longe de ser reconhecida e vivida de maneira espontânea. Em uma região ainda muito arraigada à tradição patriarcal imposta pelo colonialismo, a mulher que decide não querer ter filhos é vista como irresponsável e tida como uma figura defeituosa, um mal exemplo às outras mulheres, ou que ainda está com seu instinto materno em desenvolvimento. Desse modo, muitas mulheres acabam se tornando mães pela pressão socialmente imposta. Quando dão esse passo, precisam se habituar com um novo imperativo: o da mãe perfeita. Quando uma mulher mãe se afasta dos princípios da mãe perfeita impostos pelo patriarcado, ela se torna impura, transgressora e malvista pela sociedade, como ressalta Badinter (1985, p. 14): “uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. [...] Toda exceção à norma será necessariamente analisada em termos de exceções patológicas. A mãe indiferente é um desafio lançado à natureza, a a-normal por excelência”. Dito isso, a boa mãe deve ser a imagem e semelhança da Virgem Maria: humilde, obediente e corajosa e, acima de tudo, pura:

Todos os austeros conselheiros repetiram, exaustivamente, que a natureza não deu seios à mulher para que ela obtenha glória de sua beleza, ou para que façam o prazer de um marido sensual. A mulher não deve se envaidecer ou extrair prazer de seus órgãos, pois sua função essencial é nutrícia. A natureza criou-a fêmea antes de mais nada, permitindo-lhe alimentar o filho com o próprio leite. Ai daquelas que o esquecessem! (Badinter, 1985, p. 182).

É socialmente esperado da figura da mãe perfeita a ausência da sexualidade, tendo seu corpo reservado exclusivamente aos cuidados do bebê, distanciando-se do prazer carnal. Desse modo, a sociedade patriarcal, ao ver uma mulher em discordância com essa ideologia, a vê como promíscua e a reconhece como uma mãe má. A conversão que se opera com a maternidade, a transformação da mulher sexualizada em mãe assexuada, pode ser encontrada inclusive em figuras do mundo pop. A artista Rihanna, conhecida por sua ousadia na moda, usava diversas roupas para protestar sobre o direito das mulheres, como a camiseta estampada com a frase «*Slutz*»³, vestidos com transparência, ou uma camiseta, usada em 2013, com a imagem de uma mulher com as mãos nas partes íntimas e a frase “*Do It Yourself*”⁴. Em entrevista à *Vogue Britânica*, em 2024, a cantora manifesta seu arrependimento na escolha das peças e adquire uma postura diferente após suas duas maternidades:

Isso vai parecer hipocrisia, mas já fiz tanta merda na minha vida. Sai com os mamilos e a calcinha à mostra. Mas agora, são coisas que, como mãe e uma mulher jovem bem evoluída — ênfase no jovem — eu sinto que nunca mais faria. ‘Oh meu Deus, mamilos de fora? Eu fiz isso?’ (Rihanna *apud* Couto, 2024).

Submissas a esse ciclo violento de sujeição a padrões fundamentados no sistema patriarcal, as mulheres muitas vezes inconscientemente contribuem para a perpetuação do sistema, seja pela tentativa incessante do pertencimento ou pelo julgamento de outras mães e mulheres e suas escolhas. Mayorga e Gonzaga, em sua publicação intitulada *Violências e instituição Maternidade: uma reflexão feminista decolonial* (2022, p. 60), sentenciam: “entre todos os mitos que o patriarcado criou sobre as mulheres, não seria a maternidade aquele em que mais efetivamente acreditamos, vivenciamos, defendemos e reproduzimos?”.

O VAZIO DAS CASAS E A COMPLETUDE DA NARRATIVA

Atentando para a violência gerada em torno dos mitos e a consequente idealização da maternidade, Brenda Navarro escreve uma narrativa que abarca a temática da maternidade dissidente, ou seja, a maternidade que rompe com os padrões patriarcais socialmente esperados. Navarro, mestre em estudos de gênero, mulheres e cidadania, constrói *Casas Vazias* com personagens que, mesmo ficcionalizadas, interpelam o leitor como se fossem de carne e osso. As duas vozes narrativas são as protagonistas da história e vivem maternidades “reais”, desejos “reais” e estão rodeadas por violências “reais” do contexto patriarcal mexicano e espanhol.

A vida das duas personagens se encontra em um ambiente aberto, tumultuado e inseguro: um parque. Nesse encontro, dá-se o fato que reverberará em toda a narrativa e que mudará a vida das personagens de maneira definitiva. Estruturalmente, cada uma das vozes aparece em capítulos intercalados e estão em sintonia uma com a outra tendo como ponto de contato a mesma criança em contextos diferentes. Ao longo da trama, as personagens se debatem entre a idealização da maternidade e a vivência de uma maternidade real, com suas ambiguidades.

³ Faz referência ao plural da palavra *Slut*, que, traduzido para o português, significa “prostituta”.

⁴ Traduzido para o português: “faça você mesmo”.

A primeira voz narrativa que aparece na obra é a de uma mulher mexicana de classe média-alta e Navarro não nos revela seu nome. Ela é casada com Fran, que tem sua família em Barcelona. Sendo assim, sua vida acontece tanto na América Latina quanto na Europa. Ao longo da narração, vamos descobrindo que a primeira protagonista não tem desejo algum de ser mãe. Contudo, ela engravida e dá à luz a um menino chamado Daniel. Durante sua gestação, a família vivência o feminicídio da irmã de Fran, Amara, vítima da violência de seu próprio marido. Amara deixa uma menina de doze anos chamada Nagore. É socialmente esperado que seu tio e sua esposa, no caso Fran e a primeira protagonista, sejam encarregados dos cuidados com a sobrinha. Porém, a mulher agora mãe de dois, não reconhece Nagore como filha: “Algumas vezes, Fran me telefonava para me lembrar de que tínhamos outra filha. Não, Nagore não era minha filha” (Navarro, 2022, p. 16). Assim, retornam ao México com Daniel nos braços e Nagore ao lado. Em um passeio no parque com as duas crianças, a narradora conversa no telefone com Vladimir, com quem mantém uma relação extraconjugal. Durante a troca de mensagens, seu filho Daniel é raptado por alguém, que nunca será conhecido pela mãe, mas que é apresentado para os leitores no capítulo seguinte.

O segundo capítulo nos apresenta uma nova mulher, que também assume a voz narrativa e que também não tem seu nome revelado. Todavia, sua vida é completamente oposta à da mulher previamente apresentada. Estando em uma classe baixa, seu maior sonho é viver a maternidade e é capaz de tudo para realizá-lo. Essa mulher vivenciou violências e traumas desde sua infância. Nascida de um estupro que sua mãe sofreu de seu tio, cresce em um ambiente conturbado e quando decide mudar-se com seu cônjuge Rafael, continua vivenciando desassossegos. Rafael é um homem super nervoso, que não perde oportunidade de violentar sua companheira. A relação do casal é muito agitada e, enquanto a voz narrativa quer muito ser mãe, Rafael abomina a ideia. Porém, ela aguenta calada suas pancadas, uma vez que mantém viva a esperança de atingir sua única ambição: engravidar de uma menina. Em uma caminhada da segunda protagonista pelas ruas mexicanas, ela vê um menino e se apaixona completamente por ele, desejando que fosse seu. Assim, abre sua sombrinha e pega o menino no colo, levando-o para casa. O menino, agora chamado Leonel, chega inesperadamente na vida da mulher e de seu companheiro, e a torna muito mais turbulenta. Enquanto isso, sua mãe biológica, a já apresentada primeira voz de *Casas Vazias*, passa a viver um desespero incessante com o desaparecimento do filho.

As duas vozes narrativas de *Casas Vazias* têm anseios divergentes, redes de apoio díspares e lidam de maneira diferente com a ideia e a realização da maternidade. A linguagem que Navarro escolhe utilizar na narração das duas personagens é significativa para elucidar de que contexto cada mulher está falando e experimentando a maternidade, além de como expõem seus pensamentos. Assim, enquanto a primeira voz, uma mulher de classe social mais elevada, tende a narrar de forma culta, com o uso de uma linguagem irônica e provocativa, como por exemplo: “Fran, vou perder o bebê. (Oh, premonição)” (Navarro, 2022, p. 73), a mulher de classe mais baixa é representada com uma linguagem cotidiana, espontânea e explosiva, exemplificada no seguinte trecho:

Ore a puta que pariu, eu disse uma vez quando acabava de limpar seu cocô, e sabe-se lá como ele pôs a mão na bunda e sujou os dedos e lá se foi o porco enfiando os dedos na boca. Ai, senti como se tivessem me posto pimenta no rabo. Ore, ore à puta que pariu, eu disse e puxei ele pelos cabelos e enfiei ele no banho com água fria e ele começou a gritar ore tita ore ore ore tita tita tita oreeee...” (Navarro, 2022, p. 55-56).

Contudo, as narradoras se encontram coexistindo na infelicidade da maternidade e seu foco narrativo em relação ao tempo remete majoritariamente ao passado, antes da maternidade, logo antes do arrependimento, onde a vida era agradável, como no seguinte trecho pertencente à mulher que não tinha o desejo de viver a maternidade: “Pensei em abortar, pensei mesmo, por isso é que, se alguém tinha culpa do que aconteceu depois, era eu, porque decidi ignorar esse pensamento que poderia ter salvo todos nós.” (Navarro, 2022, p. 78) ou “Antes Leonel não tivesse chegado nas nossas vidas” (Navarro, 2022, p. 39), da mulher que sonha em ser mãe.

De maneira ficcional, Navarro busca entender e retratar como as mulheres são afetadas pelas violências em seu entorno: desaparecimentos de filhos, violência doméstica e feminicídio, e a imposição da maternidade. A obra é muito produtiva para estudar a maternidade dissidente, uma vez que as protagonistas rompem com o ideal patriarcal da mãe perfeita, que suporta tudo com muito entusiasmo, além da representação do não desejo da maternidade na primeira narradora. Considerando que, no âmbito literário, as personagens não estão expostas aos julgamentos morais como pessoas, uma vez que não têm o compromisso de representar papéis socialmente definidos, podendo apresentar livremente as suas contrariedades e as suas respostas às violências vividas, comportando-se de acordo com a sua condição humana, como afirma a autora em um clube de leitura realizado pelo Instituto Cervantes Milano (2023).

Desse modo, para seguir a criação da autora do romance e analisar como a maternidade institucionalizada permeia a vida de mulheres tão divergentes, durante a análise das personagens, também vamos mantê-las em harmonia nos seguintes tópicos: como o mito do instinto materno se exemplifica na obra; como o corpo aparece como metáfora da casa; como o meio em que vivem impacta em suas maternidades.

REVELAÇÃO DA MATERNIDADE REAL E O MITO DO INSTINTO MATERNO

Quando se tornam mães, as mulheres da narrativa se espantam com a maternidade. Do fascínio com a ideia de ser mãe ao abalo da maternidade real, se tornam mais incompletas e infelizes e não conseguem deixar de manifestar seu descontentamento.

A primeira voz narrativa nunca viveu o desejo da maternidade, mas assume o papel de mãe arrastada pelas circunstâncias: “não me interessava ter nenhum filho, embora eu tivesse dois” (Navarro, 2022, p. 139).

A maternidade imposta pela necessidade de cuidar da sobrinha é a primeira experiência com a frustração de viver com a responsabilidade dos cuidados de uma criança. Sua sobrinha Nagore, nunca foi de fato assumida pela tia:

Não parir. Não gerar, não dar motivo às células que criam a existência. Não ser vida, não ser fonte, não deixar que o mito da maternidade se entendesse em mim. Interceptar as possibilidades de Daniel enquanto ele estava no meu ventre, enclausurar Nagore até que ela deixasse de respirar. Ser o travesseiro que a sufocaria enquanto ela dormia. Reconstruir as contrações pelas quais eles dois nasceram. Não parir, porque depois que nascem, a maternidade é para sempre (Navarro, 2022, p. 20).

Esse processo tortuoso e infinito é muito bem construído no monólogo interior da personagem. O silêncio como refúgio para julgamentos e o monólogo interior como única estratégia para a tentativa de um diálogo:

Cheguei a sentir respeito pelas pessoas que são capazes de falar e de revelar suas emoções. De compartilhar, de sentir empatia. Eu sentia que tinha alguma coisa engasgada entre os pulmões, na traqueia, nas cordas vocais. Querer falar me doía, como uma mão nos asfixia (Navarro, 2022, p. 24).

A primeira protagonista já estava ciente que não nascera para ser mãe e afirmava que a maternidade deveria ser restrita a algumas mulheres: “Há aquelas que nascem para não ser boas mães, e a nós Deus devia ter esterilizado antes de nascer” (Navarro, 2022, p. 22). Desse modo, rompe com os padrões da mulher patriarcal, uma vez que percebe a maternidade como uma vivência dispensável para as mulheres. Assim, embora em seus pensamentos vá contra a estrutura vigente que vê e impõe a maternidade como primordial, a assume insatisfeita como muitas mulheres.

Contudo, a segunda voz faz o caminho contrário, afirmando com convicção que nasceu com a vocação de dar aos seus filhos todo seu amor infinitamente. Seus ideais são ainda muito influenciados pelo patriarcado mexicano, que só dá valor à mulher que cumpre o seu papel de esposa e mãe. Desse modo, ao ter expectativas tão altas em relação à maternidade, suas percepções sobre a realidade da vivência materna são desastrosas. A segunda voz narrativa passou sua vida idealizando a maternidade e a sua própria salvação por meio de uma filha que a deixaria plenamente feliz, mas também idealiza a maternidade levando em consideração o seu cônjuge e os papéis sociais de gênero:

E o que acontece é que eu sempre quis ter uma filha, arrumar seu cabelo com laços de fita, vestir ela com esses vestidos esvoaçantes que a gente põe nas meninas em dia de festa; ver ela usar os meus sapatos, pintar a cara, se pentear, não sei, uma menina sempre é mais divertida, mas depois pensei que Leonel deixaria o Rafa mais contente, que eles jogariam futebol, brincariam de lulinhas, coisas de homem” (Navarro, 2022, p. 41).

A mulher, então, opta pela forma mais arriscada e apavorante para realizar seu sonho de ser mãe: sequestrar uma criança. Porém, com todo o seu esforço e sua esperança, ao viver a concretização da maternidade real e sua ambiguidade, se sente desafortunada, em completo desespero e arrependimento, tomando rumos contrários ao que tinha planejado:

Mas as coisas não melhoraram, eu me sentia mais sozinha do que quando não estava com Leonel, [...] Não havia descanso pra mim, nem uma filha pra abraçar ou papear, apenas Leonel, que passava o tempo cagando nas calças, e Rafael, que, quando chegava, era só pra encher o saco (Navarro, 2022, p. 46-47).

Desse modo, a ideia de que quando nasce um filho nasce uma mãe, ou seja, que o amor materno é inato à maternidade, é um mito, como já ressaltamos anteriormente. As duas mães da narrativa não sabem como exercer a maternidade, além de não saberem como lidar com o desaparecimento e a chegada do menino. Além de romper com o sentido romântico e idealizado da maternidade, elas também sentem muito medo, principalmente a primeira voz da narrativa, quando descobre que está grávida: “Não teve nada de romântico nisso. [...] É preciso ser muito alienada para não ter medo de uma vida nova” (Navarro, 2022, p. 92).

Sendo assim, as mulheres da obra de Navarro aparecem como desconstruidoras do mito do amor materno, afinal: “Quem foi que disse que a gravidez é a melhor época da vida de uma mulher?” (Navarro, 2022, p. 79).

Violentadas pelo imperativo patriarcal, as mães da narrativa reproduzem tal violência com a criança. A brutalidade é, nesse caso, uma válvula de escape para a opressão e frustração que vivenciam.

Portanto, se a figura da mãe está relacionada à imagem de alguém que, por escolha genuína e amorosa, acolhe, ama e cuida, a narrativa nos mostra que ela pode não cumprir com essa atribuição social. A analogia é direta com aquilo que chamamos de casa, um espaço em que nos sentimos confortáveis e protegidos. Uma vez que a maternidade, a figura materna e a casa como lar se distanciam desse encanto, dessa construção social, elas se tornam desarmônicas, dissidentes, e agitam a organização vigente, pois nos mostram que a realidade é muito diferente da idealização.

O CORPO COMO CASA

Navarro (2022) afirma que a escolha do título *Casas Vazias* faz referência às mulheres que abandonam o lar para procurar seus filhos desaparecidos no México. Contudo, também podemos interpretar esse espaço como a individualidade das mulheres que, após viverem a maternidade, acabam perdendo o seu espaço para viver o papel exclusivo de mãe. Com a atribuição da maternidade como um todo na vida da mulher, as protagonistas da narrativa acabam sem nada, vazias, e a narrativa ganha uma trama circular: a que inicialmente rapta o filho da primeira voz, também tem seu filho desaparecido: “quem tira, quem rouba, também acaba sendo roubado” (Navarro, 2022, p. 136).

A primeira voz e seu marido Fran tinham uma vida confortável antes de serem pais. Contudo, tal conforto se tornou um pesadelo para a mulher, pois sua vida se tornou um sofrimento incessante pelo filho desaparecido.

Quando vai procurar ajuda para encontrar o menino Leonel, a segunda protagonista é disparada com a pergunta “Qual é o seu nome?” e responde que não tem nome. Desse modo, reforça o quão vazia estava a mulher mãe sem saber para onde foi parar seu filho, ou seja, ou é mãe ou não é nada. Na obra, todas as partes começam com uma epígrafe da poeta Wisława Szymborska e uma delas é o poema intitulado *Vietnam*, que integra as personagens sem nome com a ideia da mulher entregue exclusivamente à maternidade:

Mulher, como você se chama - Não sei.
Quando você nasceu, de onde você vem? - Não sei.
Para que cavou uma toca na terra? - Não sei.
Desde quando está aqui escondida - Não sei.
Por que mordeu o meu dedo anular? - Não sei.
Não sabe que não vamos te fazer nenhum mal? - Não sei.
De que lado você está? - Não sei.
É a guerra, você tem que escolher. - Não sei.
Tua aldeia ainda existe? - Não sei.
Esses são teus filhos? - São (Szymborska *apud* Navarro, 2022. p.70)

Ambas as mulheres se desfazem como mulheres após vivenciarem suas experiências como mães e se privam de sentimentos sociais comuns, como o prazer, o fato de se sentirem compreendidas e, principalmente, a liberdade. Elas permanecem frustradas em silêncio, pois têm medo de serem julgadas pela sociedade em que vivem.

Como já expusemos anteriormente, as duas vozes narrativas vivem no México. Dessa maneira, estão inseridas em uma sociedade ainda muito patriarcal, como também já citamos. Por serem mulheres e estarem lidando com a maternidade ou a não-maternidade, sentem a desigualdade de gênero na pele.

A mãe biológica de Daniel tem ligação com a cidade de Barcelona, na Espanha, onde vive a família de seu esposo. Brenda Navarro usou o vínculo com a cidade europeia para não limitar a violência à mulher apenas ao contexto latino-americano. Independentemente do espaço geográfico e da condição socioeconômica, inúmeras mulheres são afetadas pelo controle do patriarcado. Em uma passagem da narrativa, após a morte de sua cunhada Amara, a protagonista mexicana é questionada por sua sogra: “Lá também matam?” (Navarro, 2022, p. 78), perguntando se no México as mulheres também são vítimas de feminicídio. Ademais, há uma forte crítica à ideia racista e elitista de que a violência contra mulheres só existe no contexto da América Latina. A primeira protagonista tem uma boa relação com seu marido, que se mostra atencioso ao longo da narrativa. Contudo, ele segue ao socialmente esperado e toma decisões pelo casal, como o cuidado de sua sobrinha Nagore, que nunca foi um desejo

da mulher, mas sim uma imposição de seu esposo, como pontua: “[...] por isso Fran nos impôs cuidar de Nagore” (Navarro, 2022, p.19)

Em contraponto à violência velada à mulher de mais prestígio social, a narradora de classe inferior é brutalmente violentada em diferentes camadas. Fruto de um abuso, experiencia a violência desde a concepção. Em seu contexto familiar, viu a mãe praticando crueldades, seu irmão desaparecendo e a incerteza de quem era sua figura paterna. Em sua mente, ela era uma mulher destinada a suportar tudo para ser mãe. Com isso, aguentava o desrespeito de seu companheiro que só queria companhia na hora do prazer. Justamente pelo desejo carnal e pela manipulação da mulher, Rafael prometia que faria a filha desejada pela narradora, mas não passava de um artifício para ter a mulher em seus braços. Essa segunda voz narrativa também passou por violência obstétrica, quando teve um aborto espontâneo e, sem nem saber o que estava acontecendo, foi totalmente insultada no atendimento, o que reforça os comportamentos patriarcais mexicanos e os tabus sobre o aborto. Como uma mulher solitária, passou por esse momento doloroso sozinha e sozinha cozinhava, limpava, trabalhava para sustentar a casa, além de arcar com as responsabilidades do filho também sozinha. Quando chegou em casa com a nova criança, seu marido disparou falas ofensivas contra a mulher, comprovando que seu interesse em ser pai era inexistente. Um tempo depois, a narradora vive o abandono de seu cônjuge. Essa atitude, porém, não é um empecilho à mulher, que já se sentia solitária, assumindo seu papel de mãe solo: “Ficamos sozinhos, meu filho e eu. Leonel colocando os balões na boca todo entretido, como se fosse feliz; eu enxugando as lágrimas, que escorriam sozinhas” (Navarro, 2022, p. 59).

O ponto de união entre as duas mulheres se faz no paradeiro incerto do menino Daniel ou Leonel e ambas, apesar de seus sentimentos contraditórios, sofrem com a angústia do não-saber. Os desaparecimentos geram uma violência extrema às mulheres e Navarro expõe por meio da mãe biológica de Daniel:

Não existe palavra que defina uma mãe sem um filho que ela já pariu, porque não sou amátrida, já que Daniel continua vivo e eu sou a mãe, sou algo pior, algo inominável, algo que não foi conceitualizado, algo que só o silêncio torna suportável (Navarro, 2022, p. 135).

Por meio da representação literária, Brenda Navarro nos mostra as implicações do violento patriarcado na vida das mulheres mães da narrativa. Em *Casas Vazias*, as personagens têm seus corpos dominados e controlados pela imposição da maternidade e precisam se encarregar de suas dores e frustrações sozinhas. Ambas sofrem também com o desaparecimento de suas crianças. As mulheres da narrativa, vítimas do patriarcado, modificam suas vidas para se encaixarem nos padrões sexistas. Dessa maneira, abdicam de seus anseios para viverem as suas versões de mães infelizes. Elas encerram a obra com um vazio interno que vai além do vazio físico de suas casas: sem rumo e destino para onde ir, vivem, acima de tudo, a agonia do não saber onde e como está a criança desaparecida.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Tradução de Waltensir Dutra.

CHOUZA, Paula. Só 2,7% das mães mexicanas que trabalham são empregadoras. *El País*, México, 10, maio, 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/10/economia/1431232524_224384.html. Acesso em: 25 jun. 2025.

COSTA, Fabiana Alves da. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, pp. 434-452, 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/15986>. Acesso em: 10 ago. 2025.

COUTO, Thamyris. Rihanna explica mudança de estilo após se tornar mãe e revela maior arrependimento fashion: “Eu realmente fiz isso?”. *Hugo Gloss*, Uol, 20, abr., 2024. Disponível em: <https://hugogloss.uol.com.br/famosos/rihanna-explica-mudanca-de-estilo-apos-se-tornar-mae-e-revela-maior-arrependimento-fashion-eu-realmente-fiz-isso-assista/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Imperativos do ser mulher. *Motriz Revista de Educação Física*, v. 5, n. 1, pp. 40-42, jun.1999. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/6641/4835>. Acesso em: 20 jun. 2025.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar; MAYORCA, Claudia. Violências e Instituição Maternidade: uma Reflexão Feminista Decolonial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 39, pp. 59-73, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TBYV3XG9hyGn8NxknjnnyKP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2025.

HALASI, Fabiana de Souza. *A mulher brasileira contemporânea e a maternidade da culpa*. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21668>. Acesso em: 25 jun. 2025.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Elefante: 2021. Tradução de Stephanie Borges.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. *O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico*. ANPUH-RIO, 2014, p. 1. Disponível em: https://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf. Acesso em: 21 jun. 2025.

NAVARRO, Brenda. *Casas Vazias*. TAG - Experiências Literárias; Dublinense: 2022. Tradução de Livia Deorsola.

NAVARRO, Brenda. *Club de lectura con Brenda Navarro*. Instituto Cervantes Milano, 2023. 1 vídeo (1h01). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jdvppg8RCLw>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PEROZINI, Miranda. Um longo caminho a percorrer: 69% dos brasileiros ainda acreditam que as mulheres devem ser as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos. *Mídia Ninja*, 03, abr., 2024. Disponível em: <https://midianinja.org/um-longo-caminho-a-percorrer-69-dos-brasileiros-ainda-acreditam-que-as-mulheres-devem-ser-as-principais-responsaveis-pelo-cuidado-dos-filhos/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

REINA, Elena; CENTENERA, Mar; TORRADO, Santiago. América Latina é a região mais letal para mulheres. *El país*, 21, nov., 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/24/actualidad/1543075049_751281.html. Acesso em: 11 jun. 2025.

RICH, Adrienne. *Nacemos de mujer: la maternidad como experiencia e institución*. Traficantes de sueños, 2019. Tradução de Ana Becciu. Disponível em: https://traficantes.net/sites/default/files/pdfs/map54_Rich_web_2.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.

ROCHA, Lucas. Dia das Mães: mulheres têm filhos cada vez mais tarde no Brasil. *CNN*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/dia-das-maes-mulheres-tem-filhos-cada-vez-mais-tarde-no-brasil/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: Dulcina, 2011.

VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente*. Um olhar feminista sobre a maternidade. São Paulo: Timo, 2021.

好; 女; 子. In: PLECO. Disponível em: <https://www.pleco.com>. Acesso em: 11 ago. 2025.